

AS CONTRADIÇÕES PRESENTES NA GÊNESE E CONSTITUIÇÃO ESSENCIAL DA FÉ E DO AMOR EM LUDWIG FEUERBACH

THE CONTRADICTIONS PRESENT IN GENESIS AND THE ESSENTIAL CONSTITUTION OF FAITH AND LOVE IN LUDWIG FEUERBACH

João Batista Mulato dos Santos¹

Resumo: Este artigo objetiva expor as contradições presentes nas essências da fé e do amor, segundo Ludwig Feuerbach (1804 – 1872) em sua obra *A Essência do Cristianismo* (1841). Para tanto, será exposta e analisada objetivamente a gênese e a constituição essencial presente na fé e no amor. Feuerbach considera a fé como produto do sentimento religioso e que fundamenta os dogmas religiosos, sem ela não é possível a religião. No entanto, em sua natureza ela se contradiz essencialmente com o amor, uma vez que para o filósofo este consiste no laço de união entre o indivíduo e seu gênero, sem o amor não é possível a união do gênero humano e sua perpetuação. Desta maneira, o pensador se detém em uma crítica antropológica na intenção de promover um resgate da essência humana às exigências da fé. Para tanto, neste artigo será utilizado um método bibliográfico que analisará a partir de suas obras a essência da fé e do amor e como esta relação determinada na religião se manifesta contraditoriamente na prática humana tendo consequências éticas questionáveis até nosso momento atual.

Palavras – chaves: Fé; Amor; Feuerbach; Religião; Gênero Humano;

Abstract: This article aims to expose the contradictions present in the essences of faith and love, according to Ludwig Feuerbach (1804 - 1872) in his work *The Essence of Christianity* (1841). In this way, the genesis and essential constitution present in faith and love will be exposed and analyzed objectively. Feuerbach considers faith to be the product of religious sentiment and the foundation of religious dogmas, without which religion is not possible. However, in its nature it contradicts itself essentially with love, since for the philosopher it consists of the bond of union between the individual and his gender, without love it is not possible the union of mankind and its perpetuation. In this way, the thinker stops at an anthropological criticism with the intention of promoting a rescue of the human essence to the demands of faith. To this end, this article will use a bibliographic method that will analyze the essence of faith and love, and how this relationship determined in religion manifests itself contradictorily in human practice, with questionable ethical consequences up to the present.

Keywords: Faith. Love. Feuerbach. Religion. Human Gender.

Introdução

Ludwig Andreas Feuerbach (1804–1872) foi um filósofo de grande relevância para a história da filosofia. Seu mérito se deve não apenas por ter sido um pensador crítico de Hegel (1770-1831) e uma influência direta a Karl Marx (1818-1883). Reduzi-lo a isso seria uma grande injustiça, uma vez que Feuerbach foi um dos nomes mais notáveis da esquerda hegeliana e o maior intérprete e crítico desta corrente filosófica idealista e da religião para

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Email: m.i.n.joao.batista@gmail.com

quem “(...) A filosofia hegeliana é o último suporte racional da teologia (FEUERBACH.1988, p. 31)”,destacando-se assim como um filósofo dotado de pensamento próprio e autêntico. Adriana Veríssimo Serrão² esclarece que está ultrapassada essa imagem de Feuerbach como um simples pensador de transição entre Hegel e Marx contendo-se a uma função secundária na filosofia moderna, e pontua de modo incisivo a inovação do pensamento feuerbachiano, portador de grande coragem principalmente por se entregar como nenhum outro ao seu precioso objeto de estudo: a religião.

O leitor mais atento às obras feuerbachianas notará que sua preocupação sobre o tema religioso,devido a sua força de dominação psicológica sobre o homem, nunca foi tão atual como neste final da segunda década dos anos 2000 e por isso mesmo Feuerbach merece ser revisitado. Neste delicado e polarizado momento de nossa história consolidadas teorias científicas são postas em cheque a fim de favorecer antigas concepções cosmológicas que corroboram e fortalecer as percepções religiosas, como é o caso da refutação da esfericidade de nosso planeta³. Quando Feuerbach revela em suas preleções de 1851 que sua meta é clarear a mente daqueles que são explorados por outros homens através da religião que se estabelece como um eficaz instrumento de domínio subjetivo o filósofo parecia estar tratando um problema atual.

Interessa-me acima de tudo, e sempre me interessou, iluminar a obscura essência da religião com a luz da razão, para que finalmente os homens parem de ser explorados, para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade que, como sempre, servem-se até hoje da nebulosidade da religião para a opressão do homem (FEUERBACH. 1989, p. 28.)

A preocupação do autor é em relação à religião em seu sentido mais amplo, principalmente enquanto teologia, que para ele é a religião racionalizada. Alguns poderiam discordar de Feuerbach neste sentido, uma vez que ele identifica a religião ou a teologia como o meio pelo qual os homens exploram uns aos outros ou, como dito anteriormente, um eficaz instrumento de domínio que promove o mais alto grau de submissão daquele que procura alento e consolo para as terríveis agruras da vida na determinada divindade adorada.

²Presidenta do Conselho Científico da Sociedade Feuerbach e tradutora das maiores obras deste filósofo para a língua portuguesa.

³ Nos últimos anos alguns grupos religiosos refutam, através de mirabolantes teorias conspiratórias e experimentos carentes de método científico, a consagrada e comprovada noção de esfericidade de nosso planeta a fim de corroborar com a descrição geográfica da terra presente na Bíblia Sagrada.

Um pensamento contrário ao de Feuerbach poderia até se aproveitar da ideia de que não é Deus ou a religião que promovem tais absurdos, mas a conduta questionável de certos homens que são falsos religiosos e não têm compromisso com Deus. Porém, tal ideia aborda o problema apenas sob um olhar parcial, estrategicamente recortado, que não analisa o mecanismo interno de funcionamento da religião presente em sua própria essência.

Esse pensamento simples e ingênuo é facilmente desconstruído ao ser analisado pela crítica feuerbachiana quando o autor mergulha fundo na essência da religião e conseqüentemente na do homem, uma vez que para o autor a essência da religião e a do homem é mesma. Assim, existe, segundo o filósofo, uma contradição na mais íntima na essência da religião: a fé e o amor que são responsáveis pelos maiores absurdos.

1. A Fé Aproxima o Homem de Deus e o Distancia de seu Gênero

Presente no capítulo XXVII de *A Essência do Cristianismo* este tema é possivelmente o mais importante elemento que nos leva a uma compreensão indubitável sobre como a teologia nega o homem. Existe uma dicotomia entre fé e amor. Um não pode existir caso o outro já exista no mesmo contexto. Essa dicotomia se refere à contradição inevitável que há entre a fé que é pura subjetividade e o amor que é pura objetividade. Desta forma, Feuerbach elabora um argumento que transforma as bases da religião cristã em um conflito entre o objetivo e o subjetivo.

Podemos compreender que o homem em sentido genérico é negado através da fé, uma vez que a fé, exigência de toda e qualquer religião, é o elo do homem com Deus e, conseqüentemente, é um ponto de afastamento do homem com outro homem. Assim sendo, a fé, necessidade suprema da teologia, primeiramente aproxima o homem de Deus para em seguida separá-lo do homem.

Feuerbach explica ao longo do capítulo presente em *A Essência do Cristianismo* que a fé determina a verdade, e oportunamente esta verdade determinada por ela se refere àquilo que ela determinou atribuindo-a arbitrária e oportunamente como verdade a todos: Deus é o verdadeiro e deve ser louvado e adorado.

A fé tem uma verdade determinada, especial, que por isso está necessariamente ligada com a negação, em seu conteúdo. A fé é por natureza exclusiva. Uma só é a verdade, um só é Deus, um só ao qual pertence o monopólio do filho de deus; tudo mais não é nada, é erro, ilusão (FEUERBACH. 1988, p. 246).

A fé não é revelada a todos os homens comuns indistintamente. Ao contrário, o caminho que leva o homem à fé é especial e por isso mesmo o leva também para o seu objeto

de adoração, que também é especial, isto é, o seu Deus. Assim sendo, somente os homens distintos que se sacrificam de maneira plena e verdadeira são capazes de atingi-la. Desta forma, notamos necessariamente que existe sempre uma exigência que conduz o homem por um caminho único, especial, que o distancia da humanidade, do geral, levando-o ao particular. Nega-se assim o próprio gênero em prol de algo particular, estrito e limitado. A valorização do outro, desta maneira, é comprometida, pois a fé toma para si tudo o que é do outro, ou seja, tudo o que é objetivo, a natureza, tudo é apropriado por ela e concentrado em seu objeto fundamental, Deus, de modo soberano e soberbo.

A fé é orgulhosa, e esse orgulho se torna evidente naquele que faz uso dela, o crente. Ele não é um homem comum, é diferente dos outros, pois é especial. Sua distinção se dá devido ao fato de esse homem particular superar os limites da natureza, negando tudo aquilo que o remete a ela. O crente é um homem diferente dos demais, pois está ligado por intermédio da fé ao objeto máximo de sua adoração, Deus.

A fé dá ao homem um sentimento especial de honra e de si mesmo. O crente se acha excelente perante os outros homens, elevado acima do homem natural; ele só se conhece como uma pessoa de distinção, na posse de direitos especiais; os crentes são aristocratas e os descrentes plebeus. Deus é esta diferença personificada e o privilégio do crente perante o descrente (FEUERBACH. 1988, p. 248).

A partir deste ponto de vista Feuerbach em sua análise minuciosa apresenta o outro lado da fé, o oposto ao que é tradicionalmente passado pela teologia. A fé põe o homem particular acima dos demais, pois ele é especial e cheio de honra. No entanto, essa honra não se refere a esse próprio homem, mas a outro, a um ser também especial em quem ele se espelha. Isso ocorre porque a fé imagina sua essência como sendo pertencente a esse outro ser especial, Deus. Então o homem particular, o crente, coloca sua honra, seu orgulho e tudo aquilo que o eleva acima dos outros para o outro ser, não diretamente para si.

Mesmo fazendo do homem crente um ser especial perante os outros, a fé, ainda assim, possibilita a sua negação. Ela anula até mesmo o homem particular porque o transforma enquanto ser ativo em um homem passivo teologicamente, isto é, ela reduz as forças naturais vitais a todo ser humano, não apenas ao crente, em atividade passiva, atividade apenas de sentimento presa no âmbito da subjetividade.

Em síntese, temos aqui o princípio característico da religião, de que ela é o ativo natural transformando num passivo. O pagão se eleva, o cristão sente-se elevado. O cristão transforma numa questão de sentimento, de sensibilidade, o que para o pagão é uma questão de atividade natural (FEUERBACH. 1988, p. 248).

O homem crente cristão, até mesmo naquilo que o deveria diferir positivamente do homem comum, contraditoriamente e sem que se dê conta, transforma o cerne da doutrina cristã, isto é, a humildade, em algo negativo. Negativo porque, de forma oculta, a humildade não é aquilo que aparentemente deveria ser. Na verdade é o seu contrário, ela é um orgulho: “A humildade do crente é um orgulho às avessas - um orgulho que não tem aparências, os sinais exteriores do orgulho” (FEUERBACH. 2007, p. 248).

Esse orgulho que está embutido na humildade não é exteriorizado de forma clara, e por isso mesmo não é facilmente identificado. Nem mesmo o crente se dá conta de que a humildade, o cerne da doutrina cristã, consiste em uma contradição. O próprio crente é vitimado por isso. Ele não tem culpa. A contradição presente na humildade, ou seja, o fato de ela se mostrar exteriormente como uma virtude, mas consistir exatamente naquilo que mais repudia, isto é, o seu contrário, o orgulho, se manifesta necessariamente para fazer daquele que a tem como uma virtude uma pessoa distinta e especial perante os demais. E o crente não tem culpa disso apenas pelo fato de que ele não se dá conta. Assim, “ele não faz de si mesmo em geral o objetivo da sua própria atividade, mas sim o objetivo, o objeto de Deus” (FEUERBACH. 2007, p. 248).

O homem crente age de acordo com aquilo que é determinado pela fé. Ela determina o que é correto e o que deve ser seguido, submetendo, assim, o crente às suas exigências. A fé é o elemento estrutural de tudo o que vem pela religião, é algo que deve ser atingido primeiramente e mantido para que haja a subsistência do objeto adorado, pois caso ela não seja admitida acima de tudo, se não for ela o primeiro elemento a ser acatado pelo homem religioso todos os outros elementos de ordem divina não farão nenhum sentido, a saber, tudo o que está no invólucro da religião. A fé é algo extremamente determinado. A determinação é uma exigência necessária à sua essência, pois se existe fé, existe fé em algo que tem de ser determinado e específico:

A fé é essencialmente uma fé determinada. Deus é o verdadeiro Deus somente nesta determinação. Este Jesus é Cristo, o verdadeiro, único profeta, o filho unigênito de Deus. E neste determinado tu deves crer se não quiseres perder tua felicidade (FEUERBACH. 1988, p. 249).

A fé não é só algo determinado, como já foi explicado, mas é também imperativo. Sua imperatividade consiste no fato de ser exigido do homem religioso que ele seja aquilo que ela determina, isto é, se você não acredita na divindade é contra ela, pois a fé não aceita meio termo. Não existe liberdade para contestar aquilo que ela determina através de seu dogma. O

estabelecimento deste dogma é o primeiro passo a ser dado, pois é a partir dele que surgem os demais.

O fato de que, bastando que um dogma fundamental seja estabelecido, aí se liguem questões especiais que devem ser depois decididos dogmaticamente, e que daí resulta uma enfadonha multiplicidade de dogmas é certamente uma fatalidade, mas não anula a necessidade de que a fé se fixe em dogmas para que com isso ela saiba determinadamente o que ela deve crer e como ela pode alcançar a sua felicidade (FEUERBACH. 1988, p. 249).

O dogma é o ponto de partida para outros dogmas que surgem para nortear, orientar, a conduta do crente em diversos aspectos de sua vida. Mas o dogma só expressa o que a fé já previa, isto é, o dogma só existe devido à fé. Ele é uma expressão necessária que irá fundamentar a fé, embora seja um pressuposto a isso.

Feuerbach encontra nas determinações da fé fundamentadas em seus dogmas um ponto importante no afastamento dos homens que creem dos que não creem em um mesmo ser divino. Ao determinar algo, a fé impossibilita como já foi tratado anteriormente a existência de qualquer meio termo. Não existe liberdade na fé, ou você é cristão ou anticristão. É a partir desta determinação que o filósofo nota a limitação da fé.

Mas a limitação da fé é tratada de maneira conveniente e oportuno pela religião. A limitação oriunda da determinação e sua consequência imediata, a delimitação, se contrapõe aos textos bíblicos e, através da arbitrariedade da exegese, uma interpretação conveniente consegue “superar” os limites dos dogmas. Isto é, aquilo que era determinado pela fé através de seus dogmas, estes, ao se mostrarem como algo limitado, pobre, que não mais satisfaz ao homem crente, tornam-se diferentes do modo mais conveniente possível.

E somente a falta de caráter, a descrença crente dos últimos tempos que se esconde por detrás da Bíblia e contrapõe os ditos bíblicos às determinações dogmáticas para, através da arbitrariedade da exegese, se liberta dos limites da dogmática. Mas a fé já desapareceu, já se tornou diferente quando as determinações da fé já sentidas como limitações (FEUERBACH. 1988, p. 249-50).

Desta forma, podemos compreender que a fé não se fixa nem mesmo naquilo com que ela se compromete. Ao contrário disso, ela, sob o pretexto de crer naquilo que lhe é essencial, acaba crendo no que é vago e indefinido. “(...) ao invés do filho de Deus determinado, característico da Igreja, estabelece uma determinação vaga, que como nenhum outro poderia se atribuir o nome de filho de Deus” (FEUERBACH. 2007, p. 249-50).

Crer, destaca Feuerbach, se torna sinônimo de ser bom e, retomando o que foi dito, a fé não deixa liberdade para meio termo. Logo, não crer é o mesmo que ser mau e, conseqüentemente, esse argumento cai na mais perversa subjetividade que é representada pela intenção. O descrente, na intenção, é um homem mau por ser inimigo de Cristo, o bem supremo. A fé é seletiva entre os humanos, pois escolhe para si somente aqueles que dela fazem uso, e aos descrentes ela reserva a repulsa e a maldade. A fé isola os homens, negando aqueles que não são a seu favor, julgando-os arbitrariamente como inimigos merecedores das mais terríveis punições: “Abençoado, querido de Deus, participantes da eterna felicidade é o crente, amaldiçoado, expulso de Deus e repudiado pelo o homem é o descrente, pois o que Deus repudia o homem não pode aceitar, não pode poupar” (FEUERBACH. 1988, p. 251).

2. A Contradição entre Fé e Amor

O lado cruel da fé também é analisado por Feuerbach, que vê como consequência de tudo que foi exposto uma contradição com aquilo que, no caso da religião cristã, deveria ser sinônimo, mas se apresenta como seu contrário, ou seja, a fé se revela contraditória ao amor.

A fé separa os homens, anula sua essência genérica, enquanto o amor une. O cristianismo é a religião do amor, mas o amor que nos é apresentado pelo cristianismo é um amor limitado, ou seja, só existe amor entre aqueles que já são cristãos ou que um dia poderão sê-lo. Neste sentido, faz-se necessário citar o autor: “O cristão só pode então amar o cristão, ou outro somente como cristão potencial; ele só pode amar o que a fé consagra, abençoa. A fé é o batismo do amor” (FEUERBACH. 2007, p. 251).

Se o amor do cristianismo só atinge aqueles que através da fé são ou podem se tornar cristãos, então esse tipo peculiar de amor é limitado. Feuerbach desconsidera tal amor como amor, pois para o filósofo um amor baseado em um fenômeno especial é uma contradição com a essência do amor que por sua vez é ilimitada. A essência do amor só pode ser limitada pela razão e supera os limites de qualquer condição que a restrinja a certas especialidades. Feuerbach deixa claro em sua proposta ética que o amor se eleva acima da religião cristã, que ironicamente é considerada a religião do amor, mas não do amor em sentido essencial, genérico, mas particular:

Devemos amar o homem pelo homem. O homem é objeto do amor porque ele é um objeto em si mesmo, porque é um ser racional e apto para o amor. Esta é a lei do gênero, a lei da inteligência. O amor deve ser um amor imediato, sim, ele só é amor enquanto imediato (FEUERBACH. 1988, p. 263).

Portanto, a fé anula o homem, nega-o em nome de um objeto divino que na verdade faz parte dele mesmo. E desta forma o aliena de sua essência, de seu gênero, pois ele não se reconhece como um homem completo, uma vez que essa capacidade de auto-reconhecimento já lhe foi tirada. Na teologia, por intermédio da fé, o homem é uma criatura essencialmente dependente e incompleta, metade animal, metade anjo. Feuerbach pega emprestado da religião esses termos para explicar a meta de sua filosofia, e a partir de tal compreensão podemos concluir que o objetivo da fé na religião não é o que parece ser, mas pelo contrário, ela acaba por transformar o homem em um ser nulo que não existe por si, mas pelo objeto por ele criado.

3. A Reaproximação do Homem com seu Gênero e Promoção de um Homem Integral

Ao longo do que foi exposto até este momento procurou-se mostrar o que é a religião cristã e como ela corresponde à essência do próprio homem como nenhuma outra religião o fez, e também como a teologia, através do seu elemento fundamental, isto é, a fé, promove a anulação e a segregação do homem e de suas potencialidades. Feuerbach, ao contestar a fé enquanto virtude e identificá-la como uma contradição com o amor, tenta fazer com que o homem apartado de sua essência/gênero na religião se volte novamente para aquilo que ele é, reconhecendo a si mesmo como o elemento central de sua existência.

Alguns o criticaram por retirar do homem aquilo que ele tinha de mais precioso, sua fé em Deus. O homem se realiza ilusoriamente através da fé e a partir dela encontra consolo no pai que a todos protege devido ao sentimento de desamparo. Feuerbach explica que a meta de sua filosofia não é negar Deus para destruí-lo e retirar a ideia que ele promove o bem dos seus filhos perante a aflição de sua existência, mas ao contrário, nega para afirmar.

A intenção do filósofo ao longo de suas obras é promover um resgate do homem, da essência humana que foi apropriada pela religião e concentrada em um único objeto, Deus. Feuerbach, ao tentar promover o resgate da essência humana, compromete-se com o objetivo que visa ao mesmo tempo traçar um modelo humano da razão e fugir dos paradigmas instaurados na modernidade, da prevalência do pensamento técnico-científico e de uma metafísica abstrata, traçando uma concepção integral do ser humano. Esse projeto feuerbachiano consiste verdadeiramente em uma mistura cuja medida se estabelece de modo igualitária sem a prevalência de um desses elementos sobre o outro. Neste sentido, Adriana Veríssimo Serrão esclarece:

(...) o pensamento de Feuerbach é mobilizado por uma intuição central, que deve mesmo ser considerada com seu problema único: a instauração simultânea de um

modelo humano da razão e de uma concepção integral do ser humano (Serrão. 1999, p. 20).

Nesta perspectiva, nota-se que o que o autor pretende é diagnosticar o homem enfermo de uma patologia não reconhecida que o diminui para engrandecer de modo arbitrário aquele que, na verdade, depende dele para existir. Feuerbach tenta ao longo de toda a sua filosofia superar a desumanização do homem, seja oriunda da teologia que o aliena de sua própria essência, da metafísica que o transforma em um mero ente abstrato, seja da própria ciência que o transforma em um simples objeto instrumentalizado. Em todas essas condições o homem é alienado, expropriado daquilo que ele é em nome de algo que, embora dependente dele para existir, inverte-se em uma relação na qual o sujeito se torna predicado e o predicado se torna sujeito, anulando ou fazendo surgir um homem partido, cindido nele mesmo.

Podemos assim dizer que o núcleo da religião é o homem, mas que na fé se fragmenta em subjetivismos que promovem uma cisão com seu próprio gênero. A fé, através de sua implementação na religião, provoca o mesmo o que o autor descreve da filosofia de Hegel: ela inverte o homem de ponta-cabeça. A pretensão de Feuerbach é exatamente desfazer essa inversão, pois é nela onde surgem os meios, até mesmo os políticos mais cruéis, que justificam a submissão e opressão do homem por aqueles que dominam a palavra e se tornam porta-voz da subjetividade encarnada na intolerância da fé.

O próprio Feuerbach foi vítima dessa intolerância. Viveu uma época em que a intolerância religiosa estava bastante presente na Alemanha, na ainda Confederação Germânica não unificada, em meados do século XIX. Foi punido e condenado ao ostracismo intelectual em 1830, mas ainda se detivera nos estudos sobre seu objeto precioso de conhecimento, a religião. Já afastado da Universidade de Erlangem escreveu sua principal obra em 1841, *A Essência do Cristianismo*, e posteriormente um texto primeiramente publicado na Suíça com o título de *Princípios da Filosofia do Futuro* (1843). Neste escrito ele traça os rumos para uma reorientação do homem que é conduzido ao mundo de ilusões, pela religião ou por refinadas ilusões oriundas do idealismo hegeliano.

A filosofia do futuro tem a tarefa de reconduzir a filosofia do reino das <<almas penadas>> para o reino das almas encarnadas, das almas vivas; de a fazer descer da beatitude de um pensamento divino e sem necessidades, para a miséria humana (FEUERBACH. 1988, p.38).

Desta forma, com sua nova filosofia Feuerbach tenta trazer o homem para a realidade sensível livre das abstrações do idealismo, tanto religioso quanto de sofisticados sistemas filosóficos como o de Hegel. Ele busca retomar a imediatidade das relações humanas sem a necessidade da fé, contrapondo-se às mediações infinitas como as do sistema hegeliano, ao pensamento e à intuição sensível, mas também levar ambas a um diálogo. Assim ele rompe com toda forma especulação metafísica e tenta construir uma nova filosofia baseada no homem natural.

O homem natural, concreto, sensível é o ponto de partida da filosofia materialista de Feuerbach que descarta radicalmente a toda forma de pensamento subjetivista baseada nas particularidades abstratas como ocorre na fé, no sentido em que está sendo apresentada. Seu intuito consiste em uma ascensão do concreto para o abstrato, do finito para o infinito, indo na contramão do que ocorre na religião. A nova filosofia proposta por Feuerbach surgirá do próprio homem que pensa a si mesmo, consiste do que é, resgatado, descobrindo-se em sua essência como a infinita perfectibilidade e, desta forma, contrapondo-se à ideia de algo preconcebido e surgido tal como é de uma divindade absolutamente independente e pura.

A nova, a única filosofia positiva, é a ‘negação de todas as outras filosofias de escola’, embora dela contenha em si a verdade, é a negação da filosofia com qualidade ‘abstracta’, ‘particular’, isto é, ‘escolástica’: não possui nenhum santo-e-senha, nenhuma linguagem particular, nenhum nome particular, nenhum princípio particular; ela é o próprio ‘homem pensante’ – o homem que é e sabe que é a essência autoconsciente da natureza, a essência da História, a essência dos Estados, a essência da religião – o homem que é e sabe que é a ‘identidade real’ (não a imaginária), ‘absoluta’, de todos os princípios e contradições, de todas as qualidades ativas e passivas, espirituais e sensíveis, políticas e sociais – que sabe que o ser ‘panteísta’, que os filósofos especulativos ou, antes, os teólogos separavam do homem, e objetivamente num ser abstrato, nada mais é do que a sua ‘própria’ essência ‘indeterminada’, mas capaz de ‘infinitas determinações’ (FEUERBACH. 1988, p.35-36).

Feuerbach, em seu projeto para a filosofia do futuro reconhece ainda a religião positivamente. Mas apenas no sentido de que a religião tem de satisfazer as necessidades do coração e do sujeito sensível, que está no mundo à mercê de suas contingências, afirmando assim a sensibilidade e a certeza imediata. A nova filosofia tem a pretensão de resgatar apenas esse momento da religião, de modo que possibilitará a conciliação entre filosofia e vida, essência e individualidade, teoria e prática, mas é importante frisar que essa conciliação nada tem em comum com o que o sistema hegeliano fez no viés da filosofia e da religião.

Somente o homem concreto, sensível, é, para Feuerbach, o homem real, isto é, aquele livre das degradações providas de qualquer forma de alienação presentes na fé que o divide e

o impede de atingir sua integralidade. Assim o filósofo lança mão de um projeto antropológico⁴ que possibilitará a compreensão da ideia de que a filosofia do homem real, tal como é descrito por ele, se detém na filosofia da existência do mundo concreto, determinado e natural.

A filosofia do homem é necessariamente uma filosofia da existência e, na medida em que toda a existência real é também existência no mundo real e também natural, pode afirmar previamente o homem como um ser inserido no mundo e na natureza - um *homem* do mundo o homem da natureza (*Welt- oder Naturmensch*) (SERRÃO. 1999, p. 20).

Fica assim bastante claro como para a filosofia feuerbachiana a natureza, a sensibilidade e o mundo concreto cheio de necessidades têm de estar livres das limitações impostas pela abstração da fé e dos dogmas por ela determinados. Uma vez que estas têm como objeto absoluto o infinito e caminham, de acordo com Feuerbach, em sentido inverso, isto é, contrariamente em direção oposta ao que deveriam, pois tanto a fé e seus dogmas como a filosofia especulativa de Hegel caminham lado a lado em sentido oposto porque ambas partem do absoluto e infinito para o finito e necessário. O filósofo materialista parte de outra direção, a do mundo da necessidade, da finitude e do amor, o que para ele é a única que possibilita a existência e união, até mesmo o próprio pensamento e a abstração. Para ele, uma filosofia que considera o existir sensível jamais nega as dimensões fundamentais desse existir, como por exemplo, espaço e tempo, que são as estruturas fundamentais para qualquer existência.

O espaço e o tempo são as formas de revelação do infinito e *real*. *Onde não existe nenhum limite, nenhum tempo, nenhuma aflição, também aí não existe nenhuma qualidade, nenhuma energia, nenhum espírito, nenhuma chama, nenhum amor*. Só o ser *indigente* é o necessário. A existência *sem necessidades* é uma existência supérflua. O que é em geral isento de necessidades também não tem necessidades da existência. Quer ele seja ou não é tudo um – um para si mesmo, um para os outros. Um ser sem indigência é ser sem *fundamento*. Só merece existir o que pode *sofrer*. Só o *ser doloroso* é um ser divino. Um ser *sem afecção* nada mais é que um ser *sem* ser sem sensibilidade, *sem matéria* (FEUERBACH. 1988, p. 27).

Em sua nova filosofia, Feuerbach, enquanto filósofo materialista, incumbe-se da tarefa de considerar a natureza em sua própria realidade e como elemento determinante de si mesmo. Para o filósofo, faz-se necessário não duplicá-la e esvaziá-la de suas determinações.

⁴ “A denominação, por Feuerbach, da sua filosofia ora como Filosofia nova, ora como antropologia, levanta difíceis questões interpretativas, não sendo fácil deslindar-se da proposta da nova filosofia. Esta seria concebida como a própria Antropologia ou ainda como somente a estrutura metodológica que lhe serve de apoio” (SERRÃO. 1997, p. 131).

Desta forma, ao considerar a natureza em sua completude colocando-a como ente que existe por si mesma e não como obra de uma mera vontade, de uma subjetividade ou pensamento abstrato, Feuerbach, mais uma vez retoma em seus argumentos de valorização da sensibilidade presente no amor para quem este é o cerne de todo pensamento ético, mas que, no entanto, é subtraído e apropriado por meio de uma personificação em Deus.

Deus é a negação do homem, ou seja, embora esteja revestido pelas mais altas qualidades humanas é, por isso mesmo, por estar apropriado delas, acaba por ser o cerne de toda anulação do homem. Na própria ideia de Deus estão embutidas certas contradições que, de modo oportuno, são ignoradas pelos representantes e defensores da eterna perfeição divina. Como é possível que o mais puro ser tenha dado origem ao impuro? Se a consciência divina é onisciente, isto é, sabe de tudo o que acontece, aconteceu e acontecerá, logo isso não resultaria, no mínimo, em conflito com o conceito de livre arbítrio?

Desta forma, faz-se necessário levantar certos questionamentos como estes a fim de elucidar como é possível uma natureza superior como a de Deus fazer surgir no seio do mundo elementos sensíveis contraditórios com as qualidades oriundas da perfeição. Logo, Deus, o objeto primeiro da fé, é a negação do homem, e não a efetividade plena do ser. Em um mundo cheio de perigos oriundos da natureza o homem está à mercê de todos eles pelo simples e comum fato de se encontrar exposto a uma situação contingencial por simplesmente existir. Seria, então, este o verdadeiro motivo pelo qual o homem é levado a criar seus deuses de modo inconsciente? A natureza objetiva é sim um importante elemento responsável pelo despertar do sentimento religioso presente na fé, logo não o único, afinal, as condições de existência do homem não são determinadas unicamente de modo objetivo, mas também subjetivo também como ocorre na fé. É na relação intersubjetiva, homem-homem, homem/mundo, que ele se revela através dos objetos sejam religiosos ou profanos, mas que para isso não é necessário estar preso às exigências e exageros determinados pela fé.

4. Considerações Finais

Portanto, a grande questão que Feuerbach levanta ao revelar a gênese e as contradições da fé em sua relação com o amor objetiva promover o resgate da essência genérica humana. Tornar o homem, primeiramente, consciente de si mesmo, pois é somente a partir de tal autorreconhecimento ele poderá afirmar a si mesmo em genuínas relações éticas para com o outro sem o intermédio de nenhum ente oriundo de outra realidade, afinal, o homem se encontra aqui na realidade sensível presente neste tempo e neste espaço.

O filósofo compreende que negar o sensível, o finito, o corpóreo, incide em fuga da realidade, uma vez que a sensibilidade permite dor, sofrimento, carência, necessidade e por meio da fé o homem encontra uma passagem de fuga de tudo isso. Na religião o homem é feliz, pois a essência da divindade é a essência humana transfigurada pela morte da abstração, isto é, o espírito falecido do homem. A religião o transforma em um ser feliz e dependente da fé, ainda que ilusoriamente a fé o liberte das limitações desta vida, ela o leva de encontro ao Pai. Neste, ele encontra consolo para as mazelas do mundo sensível porque a necessidade na religião não é necessária, o que é necessário é apenas o sentimento. Este é o mundo religioso: ilusório e fantástico, onde tudo o que não é possível nele é encontrado.

A nova filosofia proposta pelo autor em questão surge em um primeiro momento como a exigência de tornar o homem um ser consciente de si mesmo, afirmá-lo negando Deus, fazer com que ele se autorreconheça como ser portador da essentidade divina para que, então, no segundo momento como consequência inevitável, reencontre-se com o seu gênero, amando o outro pelo outro, e não por uma obrigação imposta pelo dogma determinado pela fé.

Enfim, o homem precisa ser resgatado do céu da infinitude, da eternidade, da abstração, para a concretude onde somente a vida é possível. É necessário que o homem reconheça o poderoso Deus nele mesmo, reconhecendo assim suas virtudes para poder ter uma relação harmônica consigo mesmo, livre dos conflitos morais que a fé idealiza. Pois enquanto o homem reconhecer apenas suas fraquezas e dependência da fé presentes no campo da individualidade ele sempre projetará aquilo que é seu em outro. Desta maneira, o homem precisa admitir a vida enquanto algo limitado aceitando sua finitude, pois sabe que um dia irá morrer e deve compreender o quão natural é isso para que possa aproveitar o aqui e o agora da maneira mais completa possível sem a necessidade de dar continuidade a esta vida em outra existência presente apenas no reino da fabulação.

REFERÊNCIAS

FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. [1841]. Tradução de José da Silva Brandão. Campina-SP: Papyrus, 1988.

_____. **A Essência do Cristianismo**. [1841]. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2007.

_____. **Princípios da Filosofia do Futuro e outros escritos**. [1843]. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **La Esencia de laReligi3n**. [1846]. 2ªEd. Tradução de Tomás Cuadrado Pescador. Madrid: Editorial Páginas de Espuma, 2008.

_____. **Preleções sobre a Essência da Religião**. [1851]. Tradução de José da Silva Brandão. Papyrus editora, 1989.

AMENGUAL, G. **Crítica de laReligi3n y Antropologia en Ludwig Feuerbach**. Barcelona: Laia, 1980.

CHAGAS, Eduardo F., REDYSON, Deyve. **Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach** [2009]. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____. **Artigo A Majestade da Natureza em Ludwig Feuerbach**. In: *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach* [2009]. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

REDYSON, Deyve. CHAGAS, Eduardo F. **Ludwig Feuerbach: Filosofia, Religião e Natureza**. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2011.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. **A Humanidade Da Razão - Ludwig Feuerbach e o Projecto de uma Antropologia Integral**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

_____. **Feuerbach e a Apoteose da Vida In: Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach** [2009]. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SOUZA, Draiton Gonzaga. **O Ateísmo Antropológico em Feuerbach**. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 1994.